

# O Governo já perdeu, diz Sérgio

As eleições de 15 de novembro são importantes porque o Governo já admitiu antecipadamente a sua derrota, assegura o professor Sérgio Buarque de Holanda, 76 anos, vice-presidente do Centro Brasil Democrático, e um dos mais respeitados intelectuais brasileiros:

“O Governo criou tantos e impecilhos, tantas dificuldades, a ponto de tornar difícil uma clara manifestação popular a 15 de novembro. Mas, ao lançar mão de artimanhas como a nomeação antecipada de um terço do Senado, o Governo implicitamente reconheceu que o povo daria a maioria do Senado à Oposição. De qualquer maneira, se o MDB apesar de tudo ainda vencer a eleição, será uma vitória de extraordinária significação”.

Sérgio Buarque de Holanda observa que o assessor de imprensa do Governo, coronel Rubem Ludwig, perguntou se os atos do general Hugo Abreu não serão ditados pelo desespero. Ora, os atos do Governo é que se parecem com atos de desespero, argumenta, acrescentando que a corrupção desenfreada levou à queda de Salazar.

O Centro Brasil Democrático não pertence a nenhum partido, esclarece. Individualmente, sim, os seus membros assumem posições partidárias; o Centro exercita-se politicamente no sentido amplo da expressão, e foi constituindo justamente para aliar-se ao esforço nacional pela democratização. Sérgio Buarque de Holanda nota que não conhece nenhum membro do Centro que apoie o Governo ou a candidatura do general João Batista Figueiredo à Presidência da República.

## NADA DE LIBERAIS

“O objetivo do Centro é o de lutar pela democracia, termo bem melhor que liberalismo.

Você sabe, a palavra liberal passou a ter uma conotação política a partir de 1812, na corte espanhola, que se dividia entre os serviles, dispostos a aceitar tudo, e os liberais, dispostos a aceitar quase tudo. Mas o grande dicionário português Moraes, de 1803, ainda registra a palavra liberal com o sentido de dadivoso”.

Liberal antes de 1812 era, assim, aquele que concedia alguma dádiva, e Sérgio Buarque de Holanda tem franca antipatia por esse tipo de relacionamento. É por isso que ele está no Centro que defende a democracia, “palavra muito mais forte, precisa e clara: o governo do povo, pelo povo, para o povo. Ninguém lá em cima concedendo nada e o povo elegendo tudo”.

“O povo não precisa de consolo liberal, precisa da democracia”, acrescenta, “o que quer dizer participação de todos. Todos mesmo, analfabetos inclusive. Você veja o que é a História do Brasil, no período colonial o voto do analfabeto era admitido nas eleições municipais. Dizem que os analfabetos podem ser corrompidos facilmente. Mas nunca houve tanta corrupção como agora, quando só os alfabetizados votam...”

## O VOTO ANALFABETO

É possível até que apareçam resultados negativos nos primeiros tempos de restauração do voto aos analfabetos, reconhece o autor de “Raízes do Brasil” — e resultado negativo significa aqui voto a favor do Governo. Mas é um

preço que precisa ser pago, enfatiza, porque também a democracia só se aprende com a prática.

Pessoalmente, ele já assirou listas de apoio a candidatos do MDB inclusive em outros Estados. Em São Paulo apontou Ferrando Henrique Cardoso, para o Senado; Audálio Dantas, para a Câmara dos Deputados; e Fernando Moraes e Eduardo Matarazzo Suplicy, para a Assembléia Legislativa, como candidatos dignos de serem votados.

“Eu acho que certas figuras estão mais em condições que outras. Pode ser que me arrependa mais tarde”, explica.

O Centro Brasil Democrático não terá uma influência expressiva sobre a eleição de 15 de novembro porque sua criação é ainda muito recente (cerca de um mês) e porque a tarefa de esclarecimento e mobilização do povo demanda tempo, esclarece. Parece importante a Sérgio Buarque de Holanda que o trabalhador intelectual — ele considera inadequado o rótulo etilista de intelectual —, seja ele sociólogo, economista, historiador ou cientista, participe politicamente na defesa da democracia.

## O CERTO E O ERRADO

Para ilustrar a importância da participação do trabalhador intelectual, recorda o impacto do manifesto que concluiu o Congresso dos Escritores em janeiro de 1945, lido nas escadarias do Teatro Municipal de São Paulo. Essa posição dos escritores brasileiros apressou o fim da ditadura estado-novista de Getúlio Vargas.

# Buarque

Na verdade, Sérgio Buarque de Holanda não é contra os militares, o que ele não tolera é o militarismo; e o regime brasileiro, a seu ver, é militarista. Aliás, não é só ele que pensa assim. Em 1973, visitando a Alemanha, foi abordado por um estudante que lhe pediu fogo para acender um cigarro. O estudante lhe perguntou se era austríaco, Sérgio respondeu que era brasileiro. O rapaz não acreditou, dizendo que os brasileiros que conhecia eram como Pelé. Depois, cuspiu de lado e disse:

“Ditadura militar!”

O que deixa Sérgio Buarque de Holanda mais espantado é que, na República Velha, a corrupção prejudicava as eleições, os resultados eram produzidos a bico de pena, mas pelo menos o Governo reconhecia que aquelas práticas eram erradas, que se deveria melhorar. Mesmo no Império, acrescenta, exigia-se dos eleitores uma certa renda, mas o conceito não era restritivo da participação. Não votavam as mulheres, como em quase nenhum lugar do mundo; não votavam os escravos nem as crianças — ou seja, as pessoas dependentes. Ao contrário do que se imagina, portanto, até no Império o nível de participação popular era superior ao atual.

“Agora, o povo não elege o presidente, os governadores e um terço dos senadores, mas o pior é que o Governo acha que isso é certo”.

## CENTRO BRASIL DEMOCRÁTICO

O CBD foi criado há cerca de um mês no Rio de Janeiro por um grupo de intelectuais, sob a presidência do arquiteto Oscar Niemeyer.— G.B.



Sérgio Buarque de Holanda, vice-presidente do Centro Brasil Democrático.